

# APRESENTAÇÃO

Nythamar de Oliveira\*

Os onze textos aqui reunidos refletem a diversidade das recepções e o pluralismo hermenêutico que caracterizam as tentativas de articulação filosófica entre concepções modernas da subjetividade e do agir humano, notavelmente da filosofia prática alemã, e suas releituras e reapropriações por autores do pragmatismo americano, do pós-estruturalismo francês e das novas versões da teoria crítica e da filosofia da linguagem. Ao contrário do que geralmente se anuncia como uma “crise de paradigmas”, as grandes interfaces hodiernas entre ética e teoria do conhecimento, psicanálise e hermenêutica, filosofia política e filosofia da linguagem apontam, na verdade, para uma busca incessante de novas formulações de problemas e argumentos filosóficos que já foram sedimentados ao longo de várias décadas desde o início da Modernidade, sobretudo desde a invenção cartesiana da subjetividade e o início de sua subversão pela crítica kantiana à metafísica tradicional.

O texto de Cesar Augusto Ramos, “Rawls, Hegel e o liberalismo da liberdade”, retoma o idealismo alemão ao examinar a avaliação de Rawls acerca de alguns aspectos da filosofia política de Hegel. A plausibilidade da filosofia política de Hegel é questionada, segundo o Autor, quando Rawls analisa a sua possível contribuição à luz do liberalismo político. Jair Barboza mostra, em “Os limites da expressão: linguagem e realidade em Schopenhauer”, como a concepção de linguagem de Schopenhauer implica uma delimitação para o poder da razão na teoria do conhecimento, ou seja, como a investigação da estrutura da linguagem jamais pode expressar o sentido do mundo.

Christian Hamm, em “Sobre a sistematizabilidade da filosofia da história de Kant”, ocupa-se com tema relevante da filosofia prática kantiana, a saber: a filosofia da história em Kant. Konrad Utz, em “O método dialético de Hegel”, defende que o método absoluto apresenta uma estrutura formal definida e distinta que é o princípio geral de todo o desenvolvimento do sistema hegeliano. John Sallis, em “O fim da tradução”, apresenta os alcances e limites da tradução.

Bethânia Assy mostra, em “Hannah Arendt’s Doxa: Glorifying Judgment and Exemplarity – A Potentially Public Space”, como Arendt vincula a noção de verdade à de aparência, através da leitura que Heidegger faz de *Altheia*, ao custo de dismantelar a conhecida dicotomia entre o ser verdadeiro e a

---

\* Doutor. Professor da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul).

VERITAS	Porto Alegre	v. 50	n. 1	Março 2005	p. 3-4
---------	--------------	-------	------	------------	--------

mera aparência, deslocando a verdade do domínio dos *noumena* ao dos *phenomena* enquanto reino da visibilidade, o domínio doxástico da ação política. Em seu artigo “Verdade, Interpretação e Objetividade em Donald Davidson”, José Maria Arruda apresenta a estrutura e os pressupostos da filosofia da linguagem de Davidson, discutindo a importância do princípio de caridade para seu projeto interpretativo e apontando as diferenças do projeto de Davidson com relação à hermenêutica filosófica. Luiz Carlos Santuário, explora em “Clivagem, diferença e dobra na estrutura do humano: Lacan, Apel e Gadamer” a cena contemporânea em que esses três pensadores tematizam a experiência do humano como ligada estritamente à linguagem enquanto elemento estruturador do humano, na medida em que este é situado no interior do espaço de uma dobra e de uma clivagem.

Em seu artigo “Normes internationales de justice et globalisation de l'éthique”, Cathérine Audard procura mostrar que sem uma comunidade civil democratizante de justificação, em lugar do atual sistema internacional, as normas da justiça global não passam de uma ficção, uma mera expressão do imperialismo cultural e político, um instrumento de controle e dominação dos povos em escala mundial, segundo um modelo colonizador ampliado que torna as declarações dos direitos humanos inoperantes.

Em seu artigo “Aux origines de la pensée politique américaine”, Dick Howard busca refletir sobre as eleições presidenciais de 2004 nos EUA, colocando-as em seu contexto histórico e filosófico, de forma a revisitar as origens revolucionárias do pensamento político norte-americano em uma análise fenomenológica que desvela em que sentido a democracia pode ser dita radical.

Finalmente, em “Derrida's Critique of Husserl and the Philosophy of Presence”, David Allison reexamina a crítica de Derrida à fenomenologia de Husserl de forma a mostrar como a sua coerência estrutural emerge não tanto de uma redução a uma doutrina particular, mas antes das exigências de uma concepção unitária, especificamente impostas pelas determinações epistemológicas e metafísicas da presença.

A Revista *Veritas* presta, desta forma, homenagem póstuma ao filósofo Jacques Derrida, morto aos 74 anos de idade no dia 9 de outubro de 2004, em Paris. O trabalho de desconstrução, tematizado em sua monumental obra, que compreende textos seminais como *L'écriture et la différence*, *La dissémination*, *Marges de la philosophie*, *Glas*, *La vérité en peinture*, *De l'esprit: Heidegger et la question*, *Inventions de l'autre*, *Du droit à la philosophie*, *Spectres de Marx*, dentre tantos outros, tem sido um testemunho vivo e vibrante da atualidade permanente da filosofia com relação às mais variadas produções culturais, artísticas, religiosas e científicas das múltiplas tradições que contribuíram para a formação do espírito humano. O fim do mundo, o adeus do filósofo e seus espantos lúdicos traduzem, nesse caso, nossa atitude de respeito e solidariedade perante todo outro em sua alteridade.